

Teorias do jornalismo

Emanoel Francisco Pinto Barreto – UFRN

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004. 223p.

“Este livro, destinado ao jovem que sonha ou ambiciona ser membro desta profissão, pretende fornecer uma compreensão teórica do jornalismo”. Com a clareza de quem está habituado ao exercício do jornalismo, Traquina resume e enuncia a finalidade desta sua obra em dois volumes, da qual será objeto de resenha o primeiro. Como proposta inicial do estudo, Traquina levanta a questão do que seja o jornalismo, sua finalidade e abrangência. Após constatar que o fato relatado hoje por um jornal de alguma maneira é a re-visão de um fato ancestral incorporado às figuras míticas, arquetípicas, do herói, do vilão ou da vítima inocente, afirma que os jornalistas modernos integram a longeva atividade de contar histórias, mesmo que sejam as histórias do cotidiano, cifradas pela forma jornalística de redigir.

As observações acima estão contidas no capítulo 1, *O que é jornalismo?*, onde o autor enfatiza um dado importante, ao relacionar o exercício do jornalismo com as práticas da democracia, lembrando a costumeira alusão ao jornalismo como um Quarto Poder, paralelo e socialmente legitimado a se inserir, opinativa e informacionalmente, nas esferas de atuação do Legislativo, Executivo e Judiciário. O livro, tido pelo autor como um manual introdutório, apresenta o jornalismo especialmente a estudantes, mas nem por isso descarta de aprofundar apreciações críticas. Não assume uma posição idílica para com a profissão, ao lembrar que o jornalismo pode e é utilizado por agentes sociais para fazer valer seus interesses, muitas vezes de cunho econômico, o que inclui a empresa que produz e comercializa o jornal.

Ao deixar claro que as notícias estão claramente direcionadas para os acontecimentos, não para problemáticas, deixa registrado que o jornal não busca uma visão interpretativa dos acontecimentos de atualidade sobre os quais se debruça. Antes, fragmenta o mundo em recortes do que aconteceu, para assim o apresentar ao leitor. Como admite desde o início, definir o que seja jornalismo é missão que exige muito tempo e amplas abordagens. Encerra o capítulo, que é breve, sem formular uma definição do que seja jornalismo, mas dá ao leitor uma visão de quadro, simplificada, porém suficiente, para situar-se a respeito do que está estudando.

No capítulo 2, *A trajetória histórica do jornalismo na democracia*, faz uma citação, recorrente em toda a sua obra, quando alude ao filósofo e político romano Cícero que dizia: “Desconhecer a história é permanecer criança para sempre.” A observação é feita para introduzir o leitor ao processo de surgimento, crescimento e consolidação do jornal como fenômeno de comunicação, especialmente a partir do século XIX, quando os processos de composição e impressão sofreram grandes inovações.

O autor faz uma abordagem com boa dose de detalhamento a respeito do desenvolvimento da imprensa, que se deu a par dos progressos tecnológicos típicos do jornalismo aliados ao crescimento da urbanização. Além disso, informa que com o passar do tempo foram abolidas as taxas que os governos cobravam para que as gazetas circulassem. Conjunções históricas levaram definitivamente o jornalismo a se inserir de maneira mais direta nos processos po-

lítico-sociais, com as lutas contra a censura e o surgimento do espaço público, como os cafés, onde se discutia política.

O arrefecimento da censura permitiu ao jornalismo um ganho em representatividade, vindo sua imagem pública a ser associada ao exercício da própria democracia, uma vez que a exposição de idéias via jornal representava uma tomada de posição ante alguma forma de poder ou repressão. Daí o surgimento do jornal como artefato orgânico ao exercício da democracia, dado que se apresentava como elemento portador e portátil de idéias, o que o legitimou historicamente como elo entre a sociedade e a exposição de seus anseios.

O capítulo 3, que trata do jornalismo como profissão, remete ao questionamento do exercício da atividade, buscando enquadrá-la como marcantemente profissional, ou seja: ajustando-se a toda uma série de parâmetros que definem o que seja uma profissão, diferenciando-a de uma simples ocupação. Após lembrar que ao longo do século XIX o jornalismo não era tido como profissão, acentua o autor que, de qualquer maneira, todos os que ao jornal se sentiam ligados, pelo exercício opinativo ou necessidade de escrever para dali tirar o seu sustento, buscavam situar-se no âmbito profissional. Acrescenta-se a isso o surgimento de códigos deontológicos de conduta, como também e especialmente o fato de que o jornalista se inscrevia num dado grupo, numa comunidade que tinha a sociedade como seu objeto de atenção, formando com isso um laço identitário, auto-referencial e diferenciador de outras categorias.

O capítulo 3 permite ao leitor uma visão ampla, a respeito do que seja o entendimento do conceito do que seja sociologicamente uma profissão, com ênfase clara no jornalismo, afirmando, a respeito do tema que, sim, o jornalismo é uma profissão.

Em seqüência, o capítulo 4 aprofunda a questão do jornalismo enquanto profissão. Lembra que a atividade é vista pelos jornalistas como uma missão e enfatiza que desconhecer os 150 anos de luta dos jornalistas portugueses é inserir-se no entendimento

de Cícero, de que isso é desconhecer a história e assim permanecer criança para sempre. O autor é de nacionalidade portuguesa e enfatiza sua visão a partir do jornalismo de Portugal, o que deixa uma lacuna para ao estudante brasileiro, que não tem como contextualizar a realidade da profissão no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX. O capítulo traz informações adicionais a respeito da sociologia das profissões, o que enriquece o trabalho no que diz respeito à compreensão do tema.

No capítulo 5, voltado para *O pólo ideológico do campo jornalístico*, Traquina aborda questões como o avanço na imprensa, quando o conteúdo dos jornais passou a ser dividido entre informação e opinião, bem como questões comerciais *versus* compromissos profissionais com uma informação credível e uma autonomia relativa do jornalista, frente aos ditames da empresa.

Outro aspecto também valorizado é o *ethos* do profissional, sua visão de quais sejam seus compromissos para com o leitor. Traquina destaca que há entre o jornalismo e democracia uma relação simbiótica, colocando a liberdade no centro dessa relação. Não questiona, entretanto, a questão de serem os jornais propriedade privada, representando desta forma, de alguma maneira, os pontos de vistas e os interesses dos grupos detentores de poderio econômico, em contrafação com os princípios democráticos de liberdade de expressão e direito à informação confiável.

O capítulo 5 volta-se ainda para tratar da objetividade no jornalismo. Esta é tratada tanto no que diz respeito ao que se refere à condição de relato credível daquilo que efetivamente se passou, a homologia possível entre fato e relato, quanto ao que refere à objetividade enquanto ação organizacional, standardização dos modos de produção, para que, desde o recolhimento da informação, até sua edição, passando pela redação, tudo esteja pronto para o leitor no exíguo período de 24 horas.

Quanto ao sexto capítulo, *As teorias do jornalismo*, é uma coletânea das principais formulações teóricas relativas ao tema. Há um breve enunciado a

respeito de cada uma, como a teoria do espelho, a ação do *gatekeeper*, a teoria organizacional, as teorias de ação política, bem como as teorias construcionistas, a teoria estruturalista e a teoria interacionista.

No todo, o livro permite ao estudante ter uma visão inicial sobre o jornalismo, apontando as principais características do arcabouço teórico que cerca essa questão. A lógica do texto do autor permite ter-se uma compreensão do que seja cada uma das teorias tratadas, como se o leitor estivesse seguindo num processo seqüencial. Há explicações a respeito dos contextos que permitiram seu surgimento e, cotejando-se as diversas proposições, tem-se uma compreensão do fenômeno jornalístico e os diversos níveis de dificuldade para sua compreensão e abrangência.